

História e Literatura: reflexões **sobre a República em Esaú e Jacó**

*William Gaia Farias**

RESUMO

Atualmente, a literatura é um tipo de fonte bastante utilizado por historiadores, pois pode possibilitar uma série de interpretações a respeito de relações sociais tecidas em diferentes contextos históricos. Os literatos, através de seus escritos expressam as aflições, dilemas e impasses vivenciados por sujeitos e grupos sociais em diversas situações, além de possibilitar o entendimento sobre modos de vida, costumes e visões de mundo de grupos sociais. Como um breve exercício a respeito do uso da literatura, enquanto fonte, propomos a análise da obra *Esaú e Jacó*, no sentido de abrir campos interpretativos sobre a Proclamação da República no Brasil, e especificamente, na sociedade carioca, diante da transição de regime político processado no final do sec. XIX.

INTRODUÇÃO

História e literatura guardam profundas relações. Vários literatos expressam um mundo de idéias em romances e ensaios que igualmente tomam-se significativos ao exame dos historiadores. Há várias vias nas quais o historiador pode seguir quando procura utilizar a literatura como fonte histórica. Conquanto, é preciso considerar as condições de produção do escrito, tais como; meio sócio-político, considerando o nível de envolvimento do literato em

* Professor Assistente I da Universidade Federal do Pará e Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense.

questões de seu tempo, estilo vigente, gênero da obra, instituições em que o escritor estava vinculado ao escrever etc.

Na história da literatura brasileira notamos uma forte presença dos literatos envolvidos em questões políticas de seu tempo. Entretanto os analistas e críticos da literatura brasileira dão ênfase ao Naturalismo e Realismo pela forte presença de enredos marcados pelas polêmicas teorias científicas bastantes discutidas pelos intelectuais que escreveram na transição do século XIX para o XX, o que estava distante da geração do Romantismo. Nesta última, entre as poucas exceções, verificamos um certo engajamento na crítica social, mas sem enveredar pelas teorias científicas que versavam sobre “raça” e cultura .

Com a pretensão de possibilitar uma pequena experiência sobre o uso da literatura enquanto fonte, consideramos oportuno um exercício acerca da proclamação da República a partir da obra “Esaú e Jacó”, de Machado de Assis. Neste caso buscaremos perceber como o evento político foi apreendido pelo referido literato e, ao mesmo tempo como personagens e simbologias foram habilmente construídas pelo romancista que estava atento para as questões políticas e sociais de seu tempo. É claro que apenas com essa fonte não podemos dar conta do processo que representou o estabelecimento da República no Brasil, e nem mesmo de reconstruir os empasses e dilemas daquele evento, porém nossa investida na análise do romance, como já dissemos, representa apenas um exercício acerca da utilização da literatura enquanto uma considerável via para a interpretação sobre os acontecimentos e a sociedade da época.

O TEMPO DO NATURALISMO E REALISMO

Em artigo de crítica literária escrito em 1924, Tristão de Athayde, analisando as diferenças dos estilos ao longo da história da literatura brasileira conclui que o “... naturalismo

foi a forma literária do regionalismo republicano que ganhou os espíritos ...”¹. Literato e crítico, Athayde também não se descuidou das grandes influências das correntes filosóficas da Escolas Naturalista e da Realista, nas quais os “... guias mentais da nova geração eram Comte, Spencer, Haeckel ou Darwin, Renan ou Taine, sem grande distinção de categoria ...”²

Embebidos de novas leituras a respeito do sistema político e econômico, os literatos, efetuaram várias interpretações da realidade brasileira. Contudo as apreensões variaram de acordo com suas experiências pessoais e com as vertentes que teóricas que seguiram. Essa geração mais engajada e letrada defendia modelos políticos distintos. Alguns eram republicanos, outros monarquistas, e ainda havia aqueles que, sem se abster das críticas, não defendiam de forma explícita, nem a Monarquia nem a República. Trata-se de produções literárias impregnadas pelo cientificismo.

Influenciados pelas produções européias, os literatos brasileiros procuraram interação científica e filosófica, em relação aos matizes do pensamento moderno. A inspiração cientificista ia além do simples emprego de palavras e conceitos, chegando a interpretação de teorias que em sua maioria vinham da Europa. Neste sentido, o crítico literário José Guilherme Melquior defende que havia “... diferenças entre o grupo de Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Alencar, Varela e Castro Alves, pois todos eram filhos do fazendeiro. Já Machado de Assis, filho de um pintor de paredes, Cruz e Souza, filho de um “preto alforriado”, Olavo Bilac, Silvio Romero, Lima Barreto vinham de “lares remediados”. Melquior procura demonstrar que estes grupos possuíam objetivos distintos com suas produções; onde os primeiros eram menos comprometidos com o engajamento político, o que ocorria com o último grupo³.

¹ ATHAYDE, Tristão, In: CARDOSO, Vicente Licínio. *A Margem da História da República*. 2ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados Universidade de Brasília, 1981/1981, p.66.

² idem.

³ MELQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996, p.149.

A geração do Naturalismo se caracterizou como a “geração boêmia”, justamente pelo nível de compromisso político-social e pela forma que protestavam contra a situação do não reconhecimento econômico do trabalho literário. Esses, reivindicavam, discutiam política e lutavam pelos seus objetivos, ainda que fossem contra o governo. Mesmo que não tenha sido homogênea, havia uma inclinação dos naturalistas aos ideais abolicionistas e republicanos. Isso se explicava também pela estruturação social proposta por Zola, ao lançar os fundamentos da nova Escola; “*La Republique será naturaliste ou ne sera pas*”- Proclamava o autor de *La Terre*⁴.

Ser literato no final do século, não só no Brasil como na América Latina, significava desfrutar de uma posição de destaque. A literatura representava um objeto de grande consideração social, por isso era cobiçada por “... muitos filhos da classe média e até mesmo da classe baixa ...”⁵. Naquela sociedade, mostrar o domínio da escrita e mais que isso, apresentar bastante conhecimento sobre obras, abria um caminho para a conquista de *status*. Portanto, não por mero acaso as produções do período são permeadas por teses políticas e filosóficas.

Era difícil para alguns literatos garantir vantagens econômicas com a venda de suas produções, isso dificultava que tais intelectuais pudessem tirar seu sustento unicamente das letras. Sobre estas dificuldades, o historiador Leonardo Afonso de Miranda Pereira, em obra sob o título *O Carnaval das Letras*, realizou uma interessante pesquisa, interpretando a situação de muitos literatos do período. Leonardo Pereira também defende que esses escritores “... exprimiam de forma acabada, uma tendência que vinha se desenhando desde os primórdios da literatura brasileira – a visão de que eram responsáveis, de alguma forma, pelos rumos da nação ...”. A condição de literato no final do século XIX, não se traduzia apenas em

⁴ ZOLA, E. Apud. BROCA, Brito. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida literária do Realismo ao Pré – Modernismo*. 2ªed. São Paulo: Unicamp, 1991, p. 115.

⁵ MELQUIOR, op. cit. p.148.

escrever versos, implicava também em posicionar-se num campo privilegiado “de construção do passado, do presente e, principalmente, do futuro”⁶

Se responsabilizando pelo desenvolvimento do país, esses literatos, também promoviam críticas ao governo, bem como, de acordo com seus objetivos, defenderam ou atacaram o regime republicano. Como as produções literárias eram insuficientes para garantir o sustento do escritor, esses literatos encontravam poucas possibilidades permanecer escrevendo sem que deixassem de escrever suas obras. Entre esses poucos caminhos, o jornalismo era o mais viável, por isso quase todos os literatos do período, por algum tempo ou a vida inteira, estiveram ocupados nos jornais.

A REPÚBLICA EM ESAÚ E JACÓ

No final do oitocentos, Machado de Assis já era considerado, um renomado literato e adequou-se muito bem a nova literatura, ao Realismo, tanto que publicava com facilidade na livraria Garnier e também tinha livre acesso aos principais jornais. O talento de Machado de Assis, foi logo reconhecido por Quintino Bocaiúva, que acreditou no moço do bairro do Livramento e o apoiou no ingresso ao jornalismo⁷

Não encontramos, no próprio literato indícios suficientes, que possam o identificar politicamente como republicano ou monarquista, também discordamos de sua biógrafa Lúcia Miguel Pereira, ao afirmar que Machado “... nunca quis se preocupar com política, tanto que viu a Abolição e a República como quem assiste a espetáculos sem maior interesse ...”⁸. Pode mesmo não ter defendido nenhum regime político, mas, dentro de seu estilo crítico, ocupou-se de temáticas políticas, não ficando de “braços cruzados”. Como funcionário do Império⁹ e literato, Machado, admirava o imperador que era um “amigo das letras”. Respeitador das leis,

⁶ PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *O Carnaval das Letras*. 1ªed. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1994, p. 7.

⁷ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis (estudo crítico e biográfico)*. 1ªed. Rio de Janeiro: Livraria Olympio, 1955, p. 208.

⁸ idem, p.20.

⁹ idem, 208. Ainda em 1880, Machado ocupava o cargo de Oficial de Gabinete no Ministério de Agricultura.

enquanto burocrata, Machado, nem mesmo permitiu que, quando da proclamação da República, retirassem de sua sala o retrato do monarca sem a apresentação de uma portaria¹⁰. Da extensa produção literária de Machado de Assis, a mais adequada, para uma breve análise é *Esaú e Jacó*, na qual o enredo do romance passa pela questão política do país, o que nos possibilita uma certa apreensão sobre a percepção da sociedade carioca e o posicionamento do próprio romancista em relação ao novo regime. O referido romance machadiano é tão rico e relevante para o estudo da relação entre literatura e história que sugere várias abordagens para o historiador.

A renomada historiadora Margarida Neves, por exemplo, escreveu um interessante artigo intitulado “*O bordado de um tempo: a história na estória de Esaú e Jacó*”, tomando esse romance machadiano como fonte¹¹. Margarida Neves preocupou-se em demonstrar como Machado de Assis construiu uma ficção em que os acontecimentos históricos aparecem como marcos no qual tanto a vida privada como a pública eram pontuados pelos eventos mais representativos da mudança de regime político. A historiadora interpreta que no referido romance, o tempo é bordado a partir dos grandes acontecimentos que narram a história da República e que são ironizados pelo romancista que habilmente os subordina a ficção. Desta forma os eventos históricos assumem o papel de simples marcadores de tempo, ou seja, referenciais secundários da ficção. Todavia a historiadora não vislumbrou o estudo específico a respeito do estabelecimento da República.

Margarida Neves, defende que a fonte literária, como qualquer outra, não nos revela de forma transparente e objetiva a sociedade que a produz. Neste caso, o historiador deve formular uma problemática e construir uma interpretação. Acreditamos que uma fonte pode

¹⁰ idem.

¹¹ NEVES, Margarida de Souza. “O bordado de um tempo: a história na estória de Esaú e Jacó”. In: *Literatura e História*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, abril-junho, 1985.

levar a vários caminhos e, nesta linha, compreendemos que *Esaú e Jacó* sugere problemáticas interessantes acerca da história da República.

O romance se desenvolve a partir das indiferenças de dois irmãos gêmeos, Pedro e Paulo, que ainda no ventre de dona Natividade, a mãe, teriam se desentendido. Assim afirmava a “Cabocla do Castelo”, uma vidente a quem Natividade havia procurado *previsões* a respeito do futuro dos filhos¹². Os dois garotos, do bairro de Botafogo, apesar da semelhança física entre outras, cresceram com muitas desavenças e antes de tornarem-se adultos já haviam estabelecido opções políticas. Pedro era monarquista e Paulo, republicano¹³. Quando adolescentes passaram a disputar o amor de Flora, uma linda moça que também tinha grande afeto pelos dois jovens. Em algumas ocasiões, mais próxima de Pedro, em outros, de Paulo. Na verdade não sabia a quem deveria tomar como namorado e possível marido.

No romance, Machado de Assis, com seu belo estilo, muitas vezes, procurou demonstrar as indiferenças políticas dos gêmeos e a difícil situação da jovem Flora que temia um maior estranhamento entre os irmãos, já que “Paulo via-se a testa de uma República em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a República Francesa e os Estados Unidos da América ...”¹⁴.

Nesta apresentação do pensamento político de Paulo, seu personagem republicano, Machado, procurou criticar a inspiração dos republicanos brasileiros em movimentos deslocados da realidade do país e denunciar o campo que o pensamento positivista encontrava entre os republicanos. A respeito de Pedro, o gêmeo monarquista, Machado procurou encontrar o pensamento político do jovem que sonhava arrancar “... um voto da Câmara dos Deputados ou então expedir um decreto de dissolução. É uma minúcia mas merece inseri-la aqui: Pedro sonhava com o governo, pensava especialmente nos decretos de dissolução ...”¹⁵.

¹² MACHADO DE ASSIS. José Maria. *Esaú e Jacó*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, p.60.

¹³ idem.

¹⁴ idem, p.87

¹⁵ idem, p.88

O próprio literato, considerou como uma necessidade, demonstrar minuciosamente, o sonho de Pedro que, como Ministro do Império assinaria documentos e participaria das grandes decisões do país. Nos dois casos, ou seja, no pensamento de Paulo e no sonho de Pedro, o autoritarismo aparece, ainda que por caminhos diferentes. Estes personagens, serviram para o literato demonstrar o seu entendimento sobre as práticas políticas daquele final de século. Nota-se que no que diz respeito, a atuação dos políticos, Machado criticava tanto a Monarquia como a República, A ficção, neste caso, está entrelaçada a realidade, pois trata-se de uma relação entre personagens criados por um literato que escreve sobre um período por ele vivenciado tendo uma interpretação de acontecimentos reais dessa sociedade. Não sem sentido, Machado afirma que desde adolescentes, os gêmeos possuíam gravuras que decoravam as paredes do quarto: Paulo a de Robspierre e Pedro a de Luís XVI. Com isso, o literato, também aponta para uma disputa simbólica entre os irmãos e, ao mesmo tempo, assinala para a influência da Revolução Francesa como movimento que forneceu um aparato simbólico para as disputas políticas daquele final de século¹⁶.

Quando da assinatura da Lei Áurea, Pedro mostrou-se favorável, afirmando que “... era um ato de justiça”. Paulo, muito mais agressivo, também favorável, acreditava ser a Abolição, o “início de uma revolução”, onde só faltava “os brancos se libertarem”¹⁷. Pedro estudante da Faculdade do Rio de Janeiro e Paulo estudante da Faculdade de São Paulo, viam a abolição como uma justiça social. Contudo, cada um considerava de forma diferente; o monarquista acreditava que a libertação dos escravos seria uma questão de justiça, já o irmão republicano, via como o início de um processo positivista/evolucionista que alcançaria a proclamação da República.

Na manhã de 15 de novembro de 1889, as descontraídas notícias da proclamação chegaram ao conhecimento de Paulo que, interessado em esclarecimentos a respeito do

¹⁶ idem, p.67.

movimento e acompanhado de um amigo, dirigiu-se ao Palácio Imperial onde procurou informar-se com os soldados, que também pouco sabiam a respeito do acontecimento. No romance, Paulo, o republicano, aparece eufórico. Ele e o amigo, “... gostavam de ver os soldados, a pé ou a cavalo, pediam licença, falavam-lhes, ofereciam cigarros. Era a única concessão destes; nenhum lhes contou o que se passara, nem todos saberiam nada”.¹⁸ A desinformação era grande naquele dia, nem mesmo os soldados da tropa do Exército sabiam ao certo o que acontecia. Afinal, estavam cumprindo ordens. Republicanos como Paulo e seu amigo estavam a margem do acontecimento. No romance, Paulo, possivelmente personificava o Clube Republicano. Este personagem adepto da República, junto com seu amigo, aguardava notícias na expectativa de cantar a “*marselhesa*”, porém era preciso certificar-se dos acontecimentos.

Mais uma vez o escritor do Morro do Livramento, assinala a importação de simbologias francesas no contexto da proclamação da República. Era a Marselhesa, hino francês, que o republicano brasileiro, Paulo escolheu para saldar a República. Machado, no transcorrer da obra transferiu para seus personagens, sua própria interpretação sobre o movimento. Neste caso, também pouco atribuiu algum mérito aos republicanos.

Preocupado em demonstrar como a sociedade pouco se interessou pelos acontecimentos do dia 15 de novembro, o literato não se esqueceu de personagens que podem representar um grupo maior da sociedade que também estava bastante desinformada. Fica claro, no romance machadiano, uma certa obscuridade quanto ao evento da proclamação da República. Poucos sabiam “... se a vitória do movimento era um bem ou um mal, apenas sabiam que era um fato”¹⁹. Esta visão machadiana passada na obra, traz em si uma forma de

¹⁷ idem, p. 88.

¹⁸ idem, p.150.

¹⁹ idem, p.149.

interpretação que a sociedade carioca, possivelmente, teve a respeito da mudança de regime político e dos próprios acontecimentos daquele 15 de novembro.

O pouco interesse da sociedade sobre a proclamação é representado na obra pelo personagem Sr. Santos, pai de Pedro e Paulo, que ao receber as notícias destorcidas do movimento, no mesmo momento que era convidado a jogar um “voltarete”, “... não pensou em alta voz nem baixa, mas consigo, e talvez o leu no rosto da mulher”. Santos ainda pensou em resistir a roda de baralho, pois refletiu “... não era bonito que no próprio dia em que o regime ia cair, entregasse o espírito a recreações de sociedade”²⁰. Mas enfim, o personagem acabou não resistindo ao jogo, pois pouco sabia sobre os acontecimentos e também não se interessava dispensar o lazer para informar-se do acontecimento. Jogar voltarete enquanto a Monarquia caía, levou Santos a uma certa reflexão, bem mais por uma questão moral do que política. Preocupou-se um pouco com sua imagem diante de sua esposa e da sociedade. Machado enfatizou, no pensamento de Santos, como o personagem via mais a queda da Monarquia do que necessariamente a proclamação da República.

Outros personagens interessantes no romance foram; o conselheiro Aires, e o confeitiro Custódio. Foram significativos para o literato, demonstrar, através da obra, a sua interpretação. O conselheiro Aires, um amigo da família de Pedro e Paulo, na manhã de 15 de novembro passeava no Largo do Boqueirão (passeio público), quando percebeu algumas cenas que fugiam ao cotidiano local. As pessoas que ali freqüentavam estavam agitadas. O distinto conselheiro, suspeitando alguma coisa “... seguiu até o Largo da Carioca”. Atencioso Aires percebeu o comportamento diferente da sociedade e procurou informa-se com o cocheiro. Recebeu algumas notícias deturpadas a respeito de morte de ministros. Mas logo que conseguiu maiores informações “... reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a

²⁰ idem.

simples mudança de pessoal ...”²¹. O próprio literato apreendeu dessa forma a modificação de regime político. Alias, nada mudou tanto. Quem sabe Machado não tenha personificado em Aires a sua própria atitude e apreensão no 15 de novembro.

Obstinadamente Machado procurou apresentar na obra, momentos de descaso dos personagens em relação a modificação de regime político. Essa preocupação não é descabida, pois como funcionário do Império e, em seguida, da República, o literato interpretou que existiu uma certa desvinculação entre o regime republicano e a identidade popular. Isso ficou claro no prazeroso jogo de voltarete em que participava o Sr. Santos e na grande preocupação do confeitiro Custódio, amigo do Conselheiro Aires, com a tabuleta de seu estabelecimento comercial.

No dia da proclamação, o confeitiro Custódio, ao tomar conhecimento do movimento, procurou o amigo Aires para aconselhar-se a respeito das medidas que deveria tomar sobre a tabuleta de sua confeitaria. No dia anterior a proclamação Custódio havia mandado pintar uma nova tabuleta para sua confeitaria, visto que a antiga estava tão envelhecida quanto o Imperador. Com a mudança de regime político, o comerciante preocupou-se com a defasagem do nome de seu comércio que se chamava “Confeitaria do Império.” Não queria o confeitiro, mostrar-se ultrapassado e arriscar perder fregueses, pois considerava fundamental um nome adequado ao estabelecimento comercial²². Depois de demorada conversa entre Custódio e o Conselheiro, chegou-se a conclusão de que o avaro comerciante deveria “... esperar um ou dois dias, a ver em que param as modas, disse Custódio agradecido”²³. Afinal, a preocupação do confeitiro quanto a mudança de regime, eram outras. Para ele, as modificações sempre trazem gastos, os quais ele não estava disposto a pagar. Encarando essas modificações como “moda”, não queria pagar novamente por algo

²¹ idem, p.139.

²² idem, p.142-44.

²³ Idem, p.144.

que não projetou. O conselheiro Aires, compreendendo as preocupações do amigo e solidário ao mesmo se dispôs a ajuda-lo, pois Custódio não tinha culpa do que estava acontecendo.²⁴

Paulo alegre e Pedro triste, essa era a situação apresentada pelo literato, quando da proclamação. É evidente também que o coração de dona Natavidade dividia-se entre a alegria e a tristeza. Alegre por um triste por outro, a mãe esperava que os dois fossem grandes homens, conforme a previsão da “Cabocla do Castelo.” Para Pedro, “... havia alguma esperança, pois falava “baixinho a mãe”, ao deixarem a mesa, “é só o imperador falar ao Deodoro ...”²⁵. Categoricamente, Machado de Assis, levantava essa esperança em seu personagem monarquista. O romancista fez questão de denunciar a íntima relação entre o Imperador e Deodoro da Fonseca, o proclamador da República.

A mudança de regime era muito confusa para a amada dos gêmeos, a jovem Flora, pois “... tudo trazia sensação de falta absoluta de governo, a anarquia da inocência primitiva...”²⁶. A moça não estava preparada para viver aquele dilema, uma vez que encontrava-se satisfeita pela felicidade de Paulo e triste pelo desanimo de Pedro.

No transcorrer do romance, Flora morre após uma grave doença, deixando triste os gêmeos que, aos poucos se aproximaram. Ambos sentiam a morte da amada, muito mais que qualquer coisa. A jovem Flora, era para os gêmeos, tão importante como suas convicções políticas e teorias científicas filosófica, mas como a obra não é da escola romântica, os personagens não abdicaram de seus ideários políticos pelo amor da jovem Flora. Machado, a cada página da obra, deixou claro a importância da moça na vida de Pedro e Paulo. Também, na obra inteira, não deixou de denunciar os problemas políticos do período, onde, Monarquia e República eram como os gêmeos, tão parecidos, mas também marcados pelas indiferenças.

²⁴ Machado de Assis procurou, através de Aires demonstrar que Custódio estava certo em preocupar-se com os prejuízos que as mudanças políticas traziam, de resto nada mudaria.

²⁵ idem, p.49.

²⁶ idem, p.151.

São evidentes as dúvidas de Machado de Assis, em defender a Monarquia ou a República, mesmo sendo bem mais crítico ao novo regime, não defendeu ou exaltou a Monarquia. Neste caminho vale a interpretação do Tristão de Athayde, de que “... para Machado de Assis era tudo uma questão de rótulos. Império, República. O mesmo país titubeante e iludido ...”²⁷. Em *Esau e Jacó*, Machado preocupou-se em organizar o enredo de forma a poder apresentar, através dos personagens, todo o seu entendimento a respeito da proclamação e consolidação do regime republicano. Além dos pontos já discutidos, serve como um bom exemplo de sua preocupação em expor sua apreensão através do romance, o capítulo LXXIII, intitulado “O El Dourado”. Nesta parte da obra, o escritor, discorre sobre o “Encilhamento” que era uma “... cascata de idéias, de invenções, de concessões,” onde “rolavam todos os dias, sonoras e vistosas para se fazer contos de réis, centenas de contos, milhares de milhares de milhares de contos de réis...”²⁸. Com tanta ênfase na política econômica de Rui Barbosa, Machado de Assis tenta explicitar que o Encilhamento seria, para alguns, a lendária cidade de ouro. O escritor entendia que o Brasil estava passando por vários problemas que eram reflexos daquela política econômica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Pedro e Paulo*, são personagens modelos, que representam as disputas políticas. A convicção política nos regimes em questão eram tão forte que nem a jovem Flora era capaz de amenizar as disputas, pelo menos em vida. O Sr. Santos, pai dos gêmeos, e o confeitiro Custódio aparecem como personagens que mais expressaram o comportamento da sociedade diante da transição de regime político. Ambos, mesmo que por interesses diferenciados, pouco caso fizeram da mudança de regime. Santos, mesmo um pouco reticente, acreditava ser mais interessante uma partida de voltarete com os amigos. Custódio,

²⁷ ATHAYDE. op. cit. p.71.

preocupava-se muito mais com seu pequeno negócio, pois precisava garantir lucros em seu pequeno comércio. Por isso estava aflito, uma vez que não pretendia ter outros prejuízos, além dos gastos com o letreiro.

Mas o Conselheiro Aires, foi o personagem que melhor serviu de interlocutor do literato. Aires compreendia, como o romancista, as inquietações, desejos, aflições e esperanças dos outros personagens. Acreditamos que Machado de Assis tenha representado, através do conselheiro, a forma pelo qual tomou conhecimento do acontecimento e compreendeu a mudança de regime.